



A RESISTÊNCIA NEGRA BRASILEIRA A PARTIR DO RAP BLUESMAN DE BACO EXU DO BLUES

ENDLICH, Thalita Nicacio¹
PRADO, Gustavo Dos Santos²

RESUMO

O seguinte trabalho tem por objetivo expor o rap, elemento musical do Movimento Hip-Hop, como uma fonte de reafirmação da identidade negra brasileira e como resistência ao racismo e a desigualdade social. O movimento surgiu em meados da década de 1970 nos bailes das periferias e intrinsecamente tratava de uma resistência quanto a opressão que a sociedade dominante operava sobre os indivíduos reconhecidos como subalternos. Pensando sob essa visão, este trabalho analisa o discurso identitário presente da música Bluesman do rapper brasileiro Baco Exu do Blues, que reúne em seu âmago um enfrentamento da discriminação indireta, cuja se encontra no campo ideológico e do discurso, sendo um fruto da falsa democracia racial. Para tal fim, o estudo se ocupa metodologicamente de uma pesquisa bibliográfica e documental, que a partir dos textos busca a retomada da influência do Hip-Hop na formação e consolidação do rap como um movimento de cunho sociopolítico. Neste sentido, os subsídios teóricos estão ancorados, principalmente, em Hall (2019) quanto à questão da identidade negra e sua fragmentação frente a pós-modernidade; Fernandes (1972) ao se analisar o racismo estrutural na sociedade brasileira, consequência da escravidão tardia; e Rocha et al. (2001) para o Hip-Hop.

PALAVRAS-CHAVE: Resistência negra, Hip Hop, Rap, Baco Exu do Blues.

1. INTRODUÇÃO

Filho das ruas, o Rap, gênero musical advindo do movimento Hip-Hop, expressa intrinsecamente a necessidade de uma juventude fruto da miséria, violência e desigualdade das periferias brasileiras de exprimir na música de cunho agressivo e experimental um brado contra uma sociedade que os subjuga. Além disso, a escolha da música como arma de confronto, diante a ideia de que a produção cultural só é digna se for feita na academia, desempenha uma crítica por si só, pois o rap, música de jovens periféricos, é arte.

O seguinte trabalho, por meio de uma breve explanação histórica acerca do Movimento Hip-Hop fora e dentro do Brasil, visa introduzir como o Rap brasileiro, além de um sincero desabafo sobre a vida nos morros, também se entende como um artifício de enfrentamento do racismo estrutural brasileiro. Para tanto, o rapper baiano Baco Exu do Blues fora escolhido como fundamento para análise deste gênero como produção de uma minoria social que busca, dentro do campo cultural, criticar uma falsa democracia racial.

¹ Acadêmica de História. Email: Thalitanicacio23@gmail.com

² Doutor em História. Email: gspgustavo.historia@hotmail.com



2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O suposto local e forma de nascimento do Movimento Hip-Hop é a base de pesquisa de diversos estudiosos do tema, no entanto, estes estão longe de entrarem em consenso sobre, por mais que as hipóteses apresentam similaridades entre si. Segundo ROCHA *et al.* (2001), o Hip-Hop nasceu como um produto da marginalização dos jovens da periferia da grande Nova Iorque, já que, este movimento trazia consigo um forte sentimento de revolta contra a violência e desigualdade social que implicava na vida destes indivíduos. Portanto, fora na música de cunho agressivo e espontânea que encontraram um veículo de reprodução deste discurso político. Ainda sobre seu surgimento, ROCHA *et al.* aponta:

O termo hip hop, que significa, numa tradução literal, movimentar os quadris (to hip, em inglês) e saltar (to hop), foi criado pelo DJ Afrika Bambaataa, em 1968, para nomear os encontros dos dançarinos de break, DJs (disc-jóqueis) e MCs (mestres-de-cerimônias) nas festas de rua no bairro do Bronx, em Nova York. (ROCHA, *et al.* 2001, pg. 17)

Portanto, foi na música de cunho agressivo e nas danças e desenhos espontâneos que estes “manos”, termo no qual as pessoas do Movimento Hip-Hop se autodeclaram, encontraram um veículo de reprodução deste discurso político.

Segundo TEPERMAN (2015), o Hip-Hop no contexto nacional surge na virada de década de 1970 para 1980 nos chamados bailes black, nestes as diversas produções artísticas do hip-hop eram formas de declarar discursos políticos, insatisfações com o universo urbano e, o principal foco deste trabalho, a resistência do negro à violência racial.

Podemos afirmar que o nascimento do Hip-Hop e seu contexto são um resultado da crise identitária que o mundo globalizado vem sofrendo, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2019). Neste sentido, esta mudança paradigmática caracteriza o movimento cultural das periferias como uma reafirmação de uma identidade.

Como poucas manifestações culturais, o hip-hop expandiu suas fronteiras geográficas e de classe, ultrapassando os limites de sua origem nos bairros periféricos. É na dinâmica entre o centro e a periferia que esta manifestação sociocultural encontra uma forma para legitimar-se dentro de uma cultura global que absorveu sua estética e que tem contribuído para fortalecê-lo como um estilo de vida marcadamente juvenil e bastante influenciada por um volume essencialmente infinito de trocas possíveis. (GOMES, J.S. 2009)



O rap, subdivisão musical dentro do Hip-Hop, traz consigo a necessidade do indivíduo subalterno de exaltar seu discurso político. Desse modo, a insatisfação com o cenário caótico da comunidade gera artistas que, além da angústia fruto da desigualdade social e do racismo, se entendem como sujeitos marginalizados pela sociedade. As pessoas da periferia são estritamente ligadas ao processo de globalização e à miscigenação brasileira, dentro da comunidade há uma gama de ramificações culturais que se misturam e resultam em indivíduos com uma identidade própria, e o rap afirma esta identidade, a identidade da periferia.

Dentro desta lógica, o desenvolvimento do Hip-Hop, principalmente do rap, foco deste trabalho, deu margem ao surgimento de diversos artistas que conseguiram alcançar a fama mesmo até fora desta bolha, o escolhido em questão para servir de base a esta obra é Baco Exu do Blues, rapper baiano que utiliza da música para exaltar a identidade negra.

O racismo, principal pauta para a análise da música de Baco, é a ação velada socialmente, o rapper trata do racismo estrutural, aquele que está presente nas práticas sociais e discursivas. Em outras palavras, a prática racista que não é reconhecida judicialmente, aquela que é negada pelo mito da democracia racial. “Aos valores vinculados à ordem social tradicionalista são antes condenados no plano ideal que repelidos no plano de ação concreta e direta.” (FERNANDES, 1972). Neste sentido, a música retrata com agressividade esta angústia contra a sociedade, a qual prefere ignorar a situação do negro do que a enfrentar no campo ético.

2.1 BLUESMAN

Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo é Baco Exú do Blues, negro, baiano e rapper. Seu nome artístico carrega um grande peso significativo, o qual reverbera em suas músicas, Baco é o deus do vinho e das festas na mitologia romana, Exu um orixá da religião candomblé muito associado erroneamente ao diabo da religião cristã, e blues, um gênero musical negro, surgiu nas fazendas enquanto os escravizados cantavam durante a árdua jornada de trabalho nas lavouras de algodão. Neste sentido analisaremos o primeiro trecho da música Bluesman de baco:

Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos
O primeiro ritmo que tornou pretos livres
Anel no dedo em cada um dos cinco
Vento na minha cara, eu me sinto vivo
(LETRAS, online, acesso em 01 de out 2023)



O blues é fruto de uma mistura das tradições africanas e resistência às condições desumanas da escravidão norte-americana, as chamadas “work songs” traduziam a tristeza e raiva dos escravizados frente a situação que forma forçados a estar. Dentro deste cenário se desenvolve a musicalidade e nascem os bluesman. Entretanto, assim como exposto na música de Baco, o gênero não fora reconhecido pelos brancos e era visto apenas como reclamações e não como uma identidade afro-americana, uma resistência àquele sistema sádico.

A partir de agora considero tudo Blues
O samba é Blues, o rock é Blues, o jazz é Blues
O Funk é Blues, o soul é Blues, eu sou Baco Exu do Blues
(LETRAS, online, acesso em 01 de out 2023)

Dentro da temática do blues o diabo é retratado várias vezes, o influente bluesman Robert Johnson ficou conhecido após sua morte como alguém que teria vendido sua alma para o antagonista cristão em troca de conseguir dominar a arte do blues. O cantor faleceu antes de conseguir se apresentar ao público branco, entretanto, sua música serviu de influência à diversos gêneros e artistas futuros que revolucionariam a música, como Led Zeppelin, Rolling Stones e Eric Clapton, assim como alicerce para o nascimento do rock e jazz. Portanto, quando Baco afirma, “tudo é Blues”, se refere a grande importância deste gênero e como este fora incorporado pelo repertório musical branco de forma que seu significado se absteve da essência histórica e social para a comunidade negra.

Eles querem um preto com arma pra cima
Num clipe na favela, gritando cocaína
Querem que nossa pele seja a pele do crime
Que Pantera Negra só seja um filme
Eu sou a porra do Mississipi em chama
Eles têm medo pra caralho de um próximo Obama
Racista, filha da puta, aqui ninguém te ama
Jerusalém que se foda, eu tô à procura de Wakanda
Ha!
(LETRAS, online, acesso em 02 de out de 2023)

Nestes versos o rapper expõe de modo brutal os estereótipos os quais socialmente o negro é enquadrado, sendo limitações do protagonismo racial performático. Sob este viés, o indivíduo negro é fruto de um processo de adequação, sua caracterização sob a ótica branca é de alguém marginalizado, que desempenha um papel de subordinado. Para além disso, segundo Hall (2009) os espaços para a diferença são restritos e cuidadosamente manipulados por uma elite social, portanto,



não se espera deste indivíduo o desenvolvimento de uma manifestação cultural e política tal qual o Hip-Hop e rap, resta ao negro, sob a visão branca, ser alvo de um conformismo, alguém que seja retratado apenas na ótica elitista em conteúdos midiáticos.

Em contrapartida a isto, ao relacionar Jerusalém com Wakanda, Baco reconstitui um imagético de paraíso posto pelo cristianismo. O filme norte-americano “Pantera Negra” (Ryan Coogler, EUA, 2018), aponta uma sociedade majoritariamente formada por negros, na qual não existe a desigualdade e compõe a mais avançada civilização até então. Portanto, ao afirmar que está à procura de Wakanda, o rapper rompe com as expectativas de um paraíso cristão, que seria Jerusalém, e define um novo sagrado, na qual o negro é o protagonista de sua prosperidade, sem depender do julgamento e abonação de um ser supremo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, este trabalho se propôs, de modo breve, realizar uma análise do rap de Baco Exu do Blues a partir da perspectiva racial, constituindo diante de sua música Bluesman uma caminhada histórica-crítica do movimento negro brasileiro. Além disso, a introdução do movimento Hip-Hop com ênfase em sua categoria musical, o rap, auxilia a compreender como este gênero se propõe a verbalizar através do som a angústia de uma parcela da juventude brasileira, e com isto, determinar uma identidade que antes se encontrava fragmentada e, para além destas expressões, constituir uma cultura popular advinda da rua, da periferia.

Dessa maneira, concluímos que o estudo se mostra pertinente ao concluir a relevância sociocultural do rap como manifestação política da identidade negra, elencando-o como forma de expressão e afirmação existencial. Neste sentido, o discurso de Baco constrói, essencialmente, uma relação íntima com a luta racial que negros brasileiros travam diariamente, batalhando no campo da subjetividade por uma real e merecedora cidadania, uma identidade que seja valorizada, um caminho à Wakanda.



REFERÊNCIAS

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo. 1972.

GOMES, Jacimar Silva. *Paixão em estado bruto. Movimento Hip-Hop: palco e projeto de uma juventude*. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina. 2019

NETO, L. G. da S.; NASCIMENTO, F. D. S. do; MELO, M. C. de S.; FURTADO, L. A. R. *O Bluesman no discurso de resistência: o rap de Baco Exu do Blues*. Ceará: Revista Homem, Espaço e Tempo. 2019. Disponível em: [//rhet.uvanet.br/index.php/rhet/article/view/312](http://rhet.uvanet.br/index.php/rhet/article/view/312). Acesso em: 2 out. 2023.

ROCHA, Janaína. DOMENICH, Mirella. CASSEANO, Patrícia. *Hip Hop: a periferia grita*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2001.

SANTOS, S. C. dos; SÁ, Q. F. de; ROSÁRIO, D. da S. *BLUESMAN: Retomada da identidade negra em Baco Exu do Blues*. Bahia: Revista Pindorama. 2020. Disponível em: <https://asetore.ifba.edu.br/Pindorama/article/view/819>. Acesso em: 2 out. 2023.

TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Editora Claro Enigma. 2015.